Novelas – espelho mágico da vida

Por **JOSÉ D'ASSUNÇÃO BARROS***

Prefácio do livro recém-lançado de Soleni Biscouto Fressato

1.

Neste belo livro, Soleni Biscouto Fressato – historiadora, socióloga e estudiosa das artes visuais – desenvolve uma instigante reflexão sobre a interação entre as novelas televisivas e a vida social, cotidiana, política, cultural e psíquica dos seres humanos articulados no seu viver coletivo.

O título, à partida, já se mostra bem esclarecedor: *Novelas: espelho mágico da vida (quando a realidade se confunde com o espetáculo)*. Desde as primeiras páginas, a obra nos mostra como a vida real e as novelas se misturam no cotidiano de boa parte de seus espectadores. Tanto os espectadores se veem, de algum modo, nas novelas, como muitos não chegam a fazer uma distinção clara entre a novela e o mundo real.

Nesses casos, ficam envolvidos pelas práticas que se estabelecem em torno dessas produções: ver as novelas, comentá-las, levá-las para o seu dia a dia, imaginar os atores como parte da vida real e imaginar a si mesmos como partes de uma novela. Em muitas ocasiões, quando a oportunidade se apresenta, confundem o próprio ator da novela com a sua personagem, mesmo quando eles são vistos nas ruas. Em alguns momentos, como nos diz a autora na introdução de sua obra, "no dia seguinte a um capítulo, acordamos com a estranha sensação de que, o que foi visto na tela ainda desfila em torno de nós".

Este importante livro mostra que as novelas – e as realidades televisivas – são capazes de fascinar, mas também de alienar, de acorrentar as pessoas a um mundo fictício que pode impedi-las de enxergar a sua própria realidade, o seu próprio em torno, e a possibilidade de compreender e transformar o próprio mundo social em que vivem.

No mundo da espetacularização e do ultraneoliberalismo, as novelas acompanham as possibilidades de falsificação da realidade, que já se colocam no plano econômico, e as potencializam no plano da cultura. Como apreender e decifrar o verdadeiro mundo social, com todas as suas contradições, no espetáculo falsificado trazido pelas novelas?

Ao mesmo tempo, como nos diz a autora, as novelas também trazem registros, vestígios e pistas reveladoras do que escondem. Elas podem nos mostrar também os interesses daqueles que as produzem ou que a elas assistem. Como registros fictícios que simulam realidades, elas não deixam de retratar uma cultura material – a maneira como as pessoas se vestem, se alimentam, vivem o seu dia a dia – e as relações sociais que as envolvem, desdobrando-se em sentimentos bem reais, como o amor, o medo, a solidão, a sensação de sucesso ou fracasso, o sentimento de inclusão, de ascensão ou queda social.

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

As novelas falam dos medos, das esperanças, das expectativas das pessoas comuns, pois são a elas que se dirigem. Por tudo isso, as novelas são fontes históricas, ou tornam-se fontes históricas aos olhares atentos dos historiadores. Se as imagens televisivas das novelas formam os espectadores, elas também os informam, no revés de um movimento dialético, em que os espectadores, seres humanos comuns, também informam (e formam) as novelas. E todos esses processos interligados irão posteriormente informar os historiadores, que buscam compreender a sociedade através de fontes diversas, entre as quais as novelas.

2.

É esse olhar atento de historiadora e cientista social, que a autora revela nas análises que desenvolve nos vários capítulos de seu instigante livro. As novelas, como realizações artísticas contraditórias, em sua capacidade de retratar e distorcer a realidade, interferem na vida social e são por ela afetadas. Agem sobre a realidade social que as envolve, no mundo dos espectadores, ao mesmo tempo em que são produtos desta mesma realidade.

As novelas são realizações da própria história: são produzidas por um grupo específico de realizadores (diretores, roteiristas, atores, profissionais diversos, financiadores), mas também são produzidas por uma realidade coletiva mais ampla, pois os espectadores e o mundo envolvente, a realidade política social, o que acontece ou pode acontecer no cotidiano, o homem e a mulher comum que assistem à novela ou que ouvem falar dela pelos que a assistiram, todo esse mundo humano coletivo e multidimensional, em última instância, é o verdadeiro autor das novelas, que nos chegam pela televisão.

Por isso, coloca-se aqui a possibilidade dupla de analisar a sociedade através da novela e, inversamente, analisar a novela por intermédio da sociedade. É essa riquíssima interação entre a novela e a sociedade – entre estes dois mundos tão reais, cada um à sua maneira – que constitui o caminho de análise desenvolvido pela autora.

À historiadora é oportunizada a possibilidade de examinar os projetos de agir sobre a sociedade que são encaminhados pelas diversas novelas. Sejam esses projetos de dominação e de alienação, como ocorre em muitas das novelas da *Rede Globo*, emissora cujo jornalismo estava em sintonia com os governos militares na segunda metade dos anos 1960 e durante toda a década de 1970; sejam projetos de resistência, denúncia ou de visão progressista, como os das novelas de Dias Gomes (*Roque Santeiro*, *Saramandaia*, *O Bem Amado* e *O Espigão*) ou o tema da reforma agrária trazido por *O Rei do Gado*.

Inseridas no contexto de uma grande emissora que, em diversas ocasiões e desde a sua fundação, foi colaboradora do regime militar, de projetos empresariais capitalistas e do agronegócio, as novelas mais progressistas da emissora podem se apresentar como contradições importantes, que anunciam uma diversidade interna a ser considerada pelos pesquisadores. Além disso, em que pese o papel de indivíduos criadores (como os diretores e roteiristas) nestes projetos, cabe lembrar que, com as novelas televisivas, tratamos de obras coletivas, produzidas a muitas mãos, o que também confere um papel social aos projetos à esquerda e à direita trazidos pelas telenovelas.

3.

Há implicações importantes em perceber a novela como produção coletiva – não apenas porque uma rede de profissionais bastante complexa é necessária para transformar a novela em uma realização televisiva efetiva, mas também porque, para além dos seus criadores e realizadores, o próprio público espectador também traz o seu poder de redefinir os rumos de uma novela, e, portanto, recriá-la em direções não previstas pelos diretores e roteiristas.

A partir de exemplos como *Torre de Babel* e *Babilônia* – entre outras produções que ocupam o centro da análise – a autora

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

mostra como a pressão do público pode redefinir os caminhos propostos pelos diretores televisivos, que buscam conquistar a audiência. Se a novela pode agir sobre a sociedade, essa mesma sociedade, em contrapartida, pode agir sobre ela. A novela, deste modo, se apresenta literalmente como "obra aberta", que vai sendo construída à medida que o próprio público a consome e reage a ela, sendo inteiramente excepcionais os casos em que – devido a circunstâncias especiais como a pandemia de Covid-19 – se apresentaram como "obras fechadas", caso de *Um Lugar ao Sol*, estreada pela *Rede Globo* em 2021.

A novela é examinada pela autora em toda a sua complexidade, num texto que revela, ao mesmo tempo, a seriedade de uma pesquisa e a fluência de uma escrita envolvente e estimulante. Além de uma abordagem que a examina como realização que se dá na confluência entre a indústria cultural e a sociedade do espetáculo, a interdisciplinaridade com a psicologia e psicanálise constitui uma dimensão crucial na análise, figurando em diversos capítulos, a partir do diálogo com diversos teóricos ligados aos saberes *psi* – particularmente naqueles que tratam do amor, da família, das gerações e das tensões do indivíduo humano diante da modernidade.

Além disso, a intertextualidade, com a reflexão crítica sobre a literatura e outras mídias, é importante para situar a filiação entre as telenovelas e suas congêneres na literatura, na prática folhetinesca dos antigos jornais e no rádio. Por fim, os capítulos que abordam mais diretamente o mundo político e social – com especial ênfase nas figuras locais que se tornam condutoras do autoritarismo, a exemplo dos coronéis – constituem momentos privilegiados para a interdisciplinaridade com a ciência política, a sociologia e a história, como o capítulo que discute o trabalho (formal, informal ou ausente, por meio do ócio e da marginalidade), e traz para o cenário principal a interdisciplinaridade com a economia.

Adicionalmente, o circuito interdisciplinar enriquece-se, sobretudo no último capítulo, com a geografia e a ecologia, permitindo incorporar – a partir da análise de *Velho Chico* – a imprescindível e urgente reflexão sobre a questão ambiental, as formas saudáveis de produção agrícola e reconhecimento dos povos originários e da cultura local na confluência de direitos humanos e direitos da natureza.

4.

Do ponto de vista de sua estrutura, a obra organiza-se em torno da combinação de algumas figuras-chave (que muito aparecem nas telenovelas brasileiras – as personagens ligadas à família, às relações amorosas, à política, ao poder local dos coronéis ou às classes sociais diversas) com temáticas variadas, que se relacionam a questões importantes para a contemporaneidade brasileira, articulando essa combinação a uma boa variedade de novelas cuidadosamente escolhidas e oferecendo toda uma riqueza de exemplos para as análises empreendidas.

Um sabor especial é acrescentado pelas divertidas interações que a autora traz entre suas análises e a própria linguagem novelística, a exemplo do criativo recurso de encerrar cada capítulo do livro com as "cenas do próximo capítulo". Por fim, também merece destaque, a estruturação bem pensada da obra, que além de discutir as diversas problemáticas explicitadas acima, proporciona, no plano geral, uma percepção da história das telenovelas no Brasil como um todo.

Logo no primeiro capítulo, é desenvolvida a reflexão sobre a origem das telenovelas e seu diálogo com o próprio contexto de fundação e desenvolvimento da *rede Globo*, considerando os processos de interação com o capital estadunidense. É também uma virtude adicional da autora a acuidade em perceber o conjunto histórico de telenovelas como espaço polifônico, que coloca em convivência distintos projetos sociais, e que, no arco mais amplo, revela um plano geral de execução bem urdido e estudado, onde cada tipo de novela e horário televisivo dirige-se a uma faixa da população.

Aprendemos muito sobre as telenovelas, mas também sobre como funciona o capitalismo, como se planifica a indústria cultural para alcançar os diversos setores sociais, como o mundo político interage com as realizações televisivas, como a própria sociedade cria suas dinâmicas específicas e também permite que os homens e mulheres comuns se imponham, de

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

alguma maneira, aos donos da riqueza e do poder que pretendem dominá-los. Aprendemos com a obra o tenso diálogo entre a alienação e a conscientização social, e vislumbramos as complexas relações entre os indivíduos e a sociedade, assim como os processos econômicos que transformam a própria cultura e suas realizações em mercadorias.

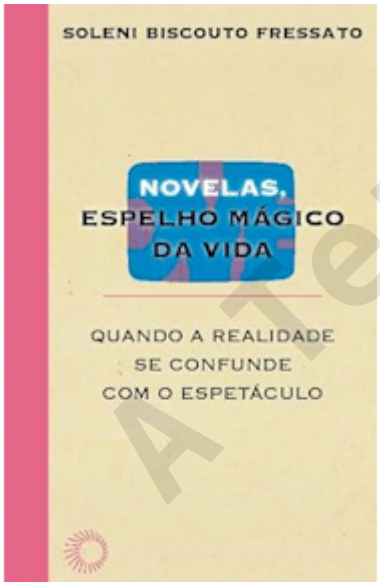
Aprendemos um pouco sobre a história das tecnologias audiovisuais, sobre as estratégias de marketing, sobre psicologia das massas e acerca da ciência política e antropologia, aplicadas a um estudo de caso específico no seio da indústria cultural. Sentimentos como amor, rivalidade, ciúme, solidão, sofrimento do abandono, exclusão social e vontade de ascender socialmente são trazidos à pauta para aprendermos também, com esta obra, um pouco mais da possibilidade de estender um olhar crítico para a compreensão da família, do trabalho, das tensões geracionais, das desigualdades e diferenças, do viver coletivo nas cidades e nos campos.

Aprendemos, principalmente, muito de história, e mais uma vez nos abrimos a uma nova oportunidade para desenvolver um olhar crítico – sempre e cada vez mais necessário nos últimos tempos da história social e política brasileira. O leitor, além disso, terá certamente momentos de prazer, ao relembrar cenas que se tornaram clássicas e representativas da sofisticada arte de fazer novelas, e que, de alguma maneira, "vale a pena ver de novo".

*__José D'Assunção Barros__ *é professor do Departamento de História da UFRRJ.*

Referência

Soleni Biscouto Fressato. *Novelas, espelho mágico da vida: quando a realidade se confunde com o espetáculo*. São Paulo, Editora Perspectiva, 2024, 208 págs. [https://amzn.to/3WtrSQH]



Lançamentos em São Paulo:
Dia 20 de julho às 11h no CPF Sesc (R. Dr. Plínio Barreto, 285, 4º andar, Bela Vista)
Dia 22 de julho às 19h no Casarão da FESPSP (R. General Jardim, 522)

***A Terra é Redonda* existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.

Ajude-nos a manter esta ideia.
CONTRIBUA

A Terra é Redonda

© 2025 A Terra é Redonda. Todos direitos reservados. ISSN 3085-7120.